

WMM



ENSAIO VISUAL
**Os subalternos das margens do lixo: etnofotografia do igarapé
do Beco do Dilúvio**

Eduardo Monteiro (PPGAS/UFAM)



Os subalternos das margens do lixo: etnofotografia do igarapé do Beco do Dilúvio

The subalterns of the garbage banks: ethnophotography of the Beco do Dilúvio stream

Los subalternos de los bancos de basura: etnofotografía del arroyo Beco do Dilúvio

Eduardo Monteiro¹

Resumo: A presente pesquisa visa trazer reflexões através da antropologia visual e tem por objetivo apresentar narrativas vivida por moradores do Beco do Dilúvio, o ecossistema a sua volta e o trabalho dos *catadores sazonais* em meio a precariedade e degradação do igarapé do beco do dilúvio em Manaus – AM. Suas relações com os resíduos sólidos para subsistência por meio do fluxo das águas do igarapé. O igarapé fica localizado na zona sul de Manaus, próximo a shoppings, universidades e centros comerciais, o que nos possibilita visualizar em um panorama antropológico as imbricações da poluição do meio ambiente.

Palavras-Chave: Lixo; Antropologia Urbana; Exclusão Social; Igarapé; Manaus.

Abstract: This research aims to bring reflections through visual anthropology and aims to present narratives lived by residents of Beco do Dilúvio, the ecosystem around them and the work of seasonal collectors amid the precariousness and degradation of the Beco do Dilúvio stream in Manaus. – AM. Their relationship with solid waste for subsistence through the flow of water from the stream. The stream is located in the south of Manaus, close to shopping malls, universities and shopping centers, which allows us to visualize the implications of environmental pollution in an anthropological panorama.

Keywords: Trash; Urban Anthropology; Social Exclusion; Igarapé; Manaus.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo traer reflexiones a través de la antropología visual y presentar narrativas vividas por los habitantes de Beco do Dilúvio, el ecosistema que los rodea y el trabajo de los recolectores estacionales en medio de la precariedad y degradación del arroyo Beco do Dilúvio en Manaus – AM. Su relación con los residuos sólidos para la subsistencia a través del flujo de agua del arroyo. El arroyo está ubicado en el sur de Manaus, cerca de centros comerciales, universidades y centros comerciales, lo que permite visualizar las implicaciones de la contaminación ambiental en un panorama antropológico.

Palabras-Clave: Basura; Antropología Urbana; Exclusión Social; Igarapé; Manaus.

¹ Mestrando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFAM). E-mail: eduardo.monteiroantropologia@gmail.com.

Introdução

O presente ensaio foi produzido na cidade de Manaus e apresentado na Mostra Fotográfica da XIV Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) realizada no Brasil. E tem como objetivo apresentar a degradação e poluição pelo lixo no Igarapé do Beco do Dilúvio, que recebe outros nomes devido à sua geolocalização dentro da Bacia Hidrográfica do Educandos, no município de Manaus, o qual, por sua vez, desagua nas margens do Rio Negro (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2023). A degradação ambiental e a ocupação humana nesse trecho do igarapé demonstram aspectos únicos da relação entre seres humanos e meio ambiente.

Existe uma certa ambiguidade ao abordarmos a relação entre o Beco e o Igarapé. Isso se deve ao fato de que, no trecho de 200 metros correspondente ao tamanho do beco, os habitantes locais nomeiam o igarapé da mesma maneira. Dessa forma, o igarapé acaba assumindo a nomenclatura do beco, ou seja, torna-se o “Igarapé do Beco do Dilúvio”. Importante ressaltar que há uma conexão intrínseca; comumente, os moradores se referem ao beco como “Beco do Dilúvio: quando chove, alaga tudo”, devido à elevação das águas do igarapé durante dias de chuvas intensas. Como morador do beco, sempre ouvi de meu avô, o senhor Sebastião Francisco de Oliveira Monteiro (aposentado, 71 anos)², que no início da formação do beco e seus arredores eram conhecidos por nomes bíblicos de origem cristã. Com o passar dos anos, o governo do estado alterou as nomenclaturas das ruas próximas ao beco, mas não a do beco em si, permanecendo oficialmente como “Beco Dilúvio”.

O lixo proveniente das ocupações locais acaba por atrair os *catadores sazonais*, como se autodenominam esses atores. Eles costumam andar dentro do trecho do igarapé que compreende os 200 metros citados anteriormente, para a coleta de materiais que possam ser utilizados para a venda e assim manter sua subsistência marcada pela precarização do trabalho.

² *In memoriam*

Os *catadores sazonais*, como são chamados, são grupos de pessoas formadas por indivíduos que vivem no beco e, principalmente fora dele. São pessoas, em sua grande maioria, racializadas, marginalizadas e invisibilizadas. Segundo as falas de um dos moradores que se considera um catador sazonal: “eu entro mermo no igarapé porque não tenho vergonha de tirar o meu sustento do que jogam aí dentro, eu cato de tudo” (morador e catador, 28 anos).

Outro ponto que chama a atenção é a relação que os catadores estabelecem com a vizinhança local. Há uma relação de troca de favores entre os moradores das beiras do igarapé e o trabalho dos catadores. Essa relação se estabelece a partir de favores, que podem ser de um simples pedido para comprar algo em alguma taberna³ próxima ou até mesmo limpar o trecho da frente das casas por onde passa o igarapé. Tal relação explicita a tradição vista em diversas sociedades no que diz respeito à troca mútua e à circulação de objetos (SERTÃ; ALMEIDA, 2016). Nessas trocas de favores, geralmente, é dada em retribuição uma quantia que pode variar de 5 reais até 20 reais – ou mais –, a depender do tipo de favor pedido e das condições estabelecidas.

A relação de troca, assim como descreve Marshall Sahlins (1997) em seu trabalho intitulado “O ‘Pessimismo Sentimental’ e a Experiência Etnográfica: Por Que a Cultura Não é um ‘Objeto’ em via de extinção (parte I)”, ao relatar o processo de trocas entre os Mendi na década de 1980 nas terras Altas da Nova Guiné, é envolta por potencialidades: “os Mendi conseguem infundir seus próprios significados a objetos [...] fazem até jóias a partir do lixo” (p. 60).

Em meio ao estacional clima amazônico (inverno-verão), os catadores sazonais surgem em determinados momentos, sendo: I) Inverno, época em que tais atores aparecem devido à possibilidade de encontrar mais materiais coletáveis. O fluxo das chuvas torrenciais traz, junto ao fluxo recorrente das águas, objetos como geladeiras, fogões etc. II) No verão, esses agentes não costumam aparecer devido à seca iminente do trecho do igarapé, conforme a seca dos grandes rios

³ Termo local para se referir a pequenos comércios ou pequenos mercados.

amazônicos. Portanto, sem a possibilidade de encontrar resíduos sólidos, principalmente de ferro, cobre e latão, que possam ser vendidos em ferros-velhos.

Ao percebermos a paisagem que se tem constituído ao redor do igarapé, pode surgir a indubitável questão: afinal, o que ou quem são os subalternos das margens do lixo? Por trás dessa custosa questão, existem relações de positividade e negatividade, de vida e morte, seja ela humana ou ambiental, além da falta de acesso a direitos de saneamento básico por parte do governo que atenda a essas populações. Para Lídice Maria Silva de Araujo, “a questão do lixo é emblemática da questão ambiental urbana e é, também, a materialização do desperdício da sociedade do consumo” (1997, p. 57).

Enquanto para autora, as perguntas que norteiam seu trabalho são: “como é a vida no lixão? O que passa realmente nesse local tão miserável?” (1997, p. 66) busco trazer por meio da reflexão da antropologia visual a visualização da vida próxima do lixo e a relação com as águas por meio da materialidade da fotografia a subalternização desses sujeitos desnudos de suas próprias existências (SPIVAK, 2010, p. 32). O que diverge em contexto de análise aqui, é que o trabalho da pesquisadora citada é feito com “bagulhadores” de um lixão em Aguazinha no interior da Bahia, onde em 2017 foi fechado.

Nesse sentido de pensar as paisagens, suas fricções, suas marcas e ruínas, Anna Tsing (2019), ao trabalhar paisagens multiespécies no Antropoceno, nos traz questionamentos importantes sobre a relação das redes que se formam entre os humanos e os não-humanos. Segundo o relato de uma vizinha em frente à minha casa: “eu queria viver num lugar melhor, mas é o que a gente tem. Eu sou feliz por ter minha casa, nem que seja na beira do igarapé, mas é minha! Cuido das minhas plantinhas, ninguém mexe.” (moradora, 40 anos).

Há uma via de similaridade e particularidade em viver às margens. Ao passo que observamos as diversas paisagens formadas no contexto do Antropoceno, é forte a marca permeada pela

exploração desenfreada:

Junto ao agravamento do efeito estufa, o colapso dos ecossistemas e a perda de biodiversidade que ocorrem devido à exploração predatória dos recursos naturais do planeta, são questões que fabricam as paisagens em ruínas do Antropoceno. O descaso com as medidas de proteção ambiental produzem paisagens marcadas pela perturbação e o desequilíbrio (ANJOS, 2022, p. 11)

Nesse caminho, como aponta Anna Tsing (2015) em “Margens Indomáveis”, a forma que essas globalizações geram fricções com o meio ambiente. Ela busca entender como comunidades marginalizadas lidam com essas paisagens, buscando formas de sobrevivência e resistência. Tsing, ainda, argumenta que esses locais “nas margens” são lugares de criatividade e possibilidade, onde novas formas de vida e relacionamentos podem surgir em meio à destruição ecológica e social.

Tais fricções ocorrem em um *locus* global íntimo, um local que não é nem universal, nem particular; são singulares em suas existências, tais como as conexões criadas pelos atores entre si e com o meio ambiente. Não há um global abstrato; são coordenações de vida, coisas que se tocam, friccionam, material, ecológico, um aglomerado de diferenças dentro das costuras globais (2015, p. 195).

Donna Haraway (2016) nos relembra, assim como Anna Tsing, que a vida não se constitui apenas por humanos; nenhuma espécie age só.

Mas há um ponto de inflexão das consequências que muda o nome do “jogo” da vida na terra para todos e tudo? Trata-se de mais do que “mudanças climáticas”; trata-se também da enorme carga de produtos químicos tóxicos, de mineração, de esgotamento de lagos e rios, sob e acima do solo, de simplificação de ecossistemas, de grandes genocídios de pessoas e outros seres etc., em padrões sistemicamente ligados que podem gerar repetidos e devastadores colapsos do sistema. A recursividade pode ser terrível. (p. 139).

Por fim, vivenciar a vida humana é também experimentar a passagem do tempo, e nesse processo contínuo, paisagens se formam (ANJOS, 2022, p. 13). Nessas paisagens, há lazer, há felicidade e saberes. Entretanto, não apenas desses pontos positivos se constituem. Esse processo é marcado também por uma voraz e desenfreada crescente do Capitaloceno, em que seu rastro de destruição deixa profundas marcas em todos, sejam eles moradores das margens do igarapé, sejam os catadores, aqueles que poluem o leito corrente do igarapé ou o próprio ecossistema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Adoréa Rebello da Cunha; Oliveira, Ercivan Gomes de. Análise espaço-territorial da Bacia do Quarenta de 2007 a 2022 na cidade de Manaus – Amazonas, p.8 - 16. In: PACHECO, Juliana Thaisa Rodrigues; PACHECO, Mauricio Zadra (org.). *Geografia: A superfície do Planeta Terra em análise 3*. Ponta Grossa – PR: Atena, 2023.

ANJOS, Vitor Alexandre Araujo Prado dos. *Os Marisqueiros nas ruínas da Guanabara: relações interespecíficas na paisagem da ilha da boa viagem*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia) – Universidade federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói, p. 81, 2022.

ARAUJO, Lídice Maria Silva de. *Trabalho, sociabilidade e exclusão social: o caso dos “bagulhadores” do lixão de Aguazinha*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, p.199. 1997.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Platationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Tradução de Susana Dias, Mara verônica e Ana Godoy. In: *ClimaCom Cultura Científica - Vulnerabilidade* [on-line], Campinas, ano 3, n. 5, p.139-146, 2016. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4374761/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_platationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf > Acesso em 08 dez 2023.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). In: *Revista Mana* [on-line], Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.41-73, abr., 1997. Disponível em: < <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1791> > Acesso em 08 dez 2023.

SERTÃ, Ana Luísa; ALMEIDA, Sabrina. “Ensaio sobre a dádiva”. In: *Enciclopédia de Antropo-*

logia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2016. Disponível em: < <https://ea.fflch.usp.br/obra/ensaio-sobre-dadiva> > Acesso em 08 dez 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TSING, Anna. Margens indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. In: *Ilha Revista de Antropologia* [Online], v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177> > Acesso em 08 dez 2023.

_____. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Edição de Thiago Mota Cardoso, Rafael Victorino Devos. – Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

Os subalternos das margens do lixo: etnofotografia do igarapé do Beco do Dilúvio



Eduardo Monteiro
Mestrando em Antropologia Social pelo
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social (PPGAS-UFAM).



Catador Sazonal coletando uma geladeira jogada no igarapé após uma chuva torrencial



Retirada da geladeira onde nota-se a presença iminente do lixo no igarapé



Casal de catadores sazonais em busca de resíduos



Caminhada em meio a um igarapé de plástico e metal



Catador sazonal descansado em uma tubulação do igarapé



Tubulação do descanso, ecologia de uma vida precária



De um lado o igarapé e do outro meu pequeno jardim



Construções de casas sobre o igarapé o que tem causado mais erosão e expansão do leito



Se o vento estiver forte, tudo o que estiver secando ao sol pode cair no igarapé